

■ Resistir a quê? Ou melhor, resistir o quê?

Tatiana Roque

No sentido corriqueiro, resistir é sempre *resistir contra* ou *resistir a*. Ou seja, é se opor ou suportar: é, em suma, lutar, coexistindo ou sucedendo certo exercício de poder. Mas é também resistir à tentação, manter-se firme diante de uma força contrária. O que pretendo neste texto é pensar um sentido afirmativo para a idéia de resistência, partindo de três âmbitos distintos – físico, etimológico e matemático – e prosseguindo por uma via filosófica, de inspiração deleuziana, para propor uma definição processual e uma articulação deste conceito que torne possível pensá-lo como um processo que está em curso antes do fato ao qual se resiste, que será, de fato, condição de possibilidade da resistência efetiva que irá se instaurar a partir deste fato¹. A resistência tornar-se-á, deste modo, constitutiva de um devir revolucionário.

Três quadros, três inflexões da palavra "resistência"

Começo por explicar que os contextos que seguem, e nos quais me inspiro, não se prestam a justificar uma proposição filosófica por uma argumentação teórico-científica. Ao partir de um âmbito científico, pretendo, isto sim, aproximar a teoria em questão de uma prática; sem dever, para isto, aplicá-la a um contexto prático, tal como este é usualmente concebido, mas fazendo-a funcionar - e ressoar - em âmbitos diversos, por um modo distinto da *aplicação*.

Resistência na física

No âmbito físico, a resistência pode ser mecânica - uma força que se opõe ao movimento de um corpo - ou elétrica - propriedade de um condutor de se opor

¹ Esta anterioridade da resistência já foi assinalada por Foucault, pelo próprio Deleuze em seu trabalho sobre Foucault e por alguns outros autores. O modo como o faremos neste texto percorre, no entanto, um caminho distinto.

à passagem de corrente elétrica. Neste último caso, ela se mede pelo quociente da diferença de tensão aplicada às extremidades do condutor pela corrente que nele circula. O condutor pode ser denominado "resistor" e é chamado frequentemente, ele mesmo, de "resistência" ("é preciso trocar a resistência do chuveiro"). Não podemos deixar de notar uma certa substantivização do termo: no primeiro caso a resistência é uma força; no segundo, uma propriedade de um resistor.

O conteúdo afirmativo da noção de resistência se torna nítido quando distinguimos, não as suas definições, mas os seus sentidos mecânico e elétrico. Suponhamos que se queira colocar um motor em funcionamento, para mover qualquer coisa, um ventilador por exemplo. Ligamos um fio a uma fonte de energia que fará funcionar o ventilador, mas este fio possui uma resistência, que será tanto maior quanto mais comprido e mais fino ele for. Guardando o objetivo final de mover um motor, a resistência do fio atua *como se fosse* uma resistência mecânica, uma vez que se opõe ao movimento, no caso, do ventilador. É importante salientar aqui que a expressão "como se fosse" já indica que não se trata, a rigor, de uma resistência mecânica, mas sim de uma resistência que possui a função negativa de se opor ao movimento, tal como a resistência mecânica.

Há, ademais, um detalhe fundamental: o fio reduz a passagem da corrente porque esquenta, e este é o modo como a resistência do fio se exprime: pela produção de calor. Se o fio for muito longo e muito fino, podemos enrolá-lo várias vezes e colocá-lo dentro de um recipiente de vidro, fabricando um dispositivo que conhecemos bem e que chamamos de "lâmpada". Quando esta lâmpada é ligada a uma fonte de energia, o calor produzido pelo fio gera luz. Em outros casos, a geração de calor de uma resistência pode servir para esquentar a água, como no caso da resistência que faz funcionar os chuveiros elétricos.

Esquecendo, portanto, por um momento, o objetivo mecânico de mover um motoræ ou de fazer funcionar o ventiladoræ, a resistência não mais atua como oposição e deixa de ser associada ao sentido negativo² de que falávamos há pouco. Em sua produção elétrica, a resistência é afirmativa: pode produzir luz e calor.

² Cabe notar que as palavras "negativo" e "afirmativo" são empregadas aqui em seus sentidos mais literais, sem que nenhuma questão moral ou de valor esteja envolvida.

Cabe lembrar, por fim, que um movimento, executado por uma força mecânica, possui uma extensão, sendo medido por uma unidade de medida extensiva, que pode ser caracterizada pela sua possibilidade de ser dividida em partes. Por exemplo, se ligamos um objeto unidimensional de um metro a um outro com o mesmo tamanho, obtemos um objeto de dois metros. Já a temperatura não é uma grandeza extensiva, mas intensiva. Para compreender esta propriedade, basta observar que o grau é uma unidade de medida de intensidade; isto é, se acrescentamos uma porção de água com temperatura de 100 graus a uma igual porção com a mesma temperatura, obteremos o dobro de água, mas não o dobro de temperatura. Em resumo, a produção mecânica da resistência é extensiva, ao passo que sua produção elétrica é intensiva.

Divagações inspiradas pela etimologia

Há sempre o perigo, ao se iniciar uma argumentação de tipo etimológico, de suscitar a desconfiança de que há um sentido mais verdadeiro para as palavras, associado ao seu sentido primeiro ou mais antigo. Evidentemente, as palavras se definem também pelo seu uso, porém, isto não nos impede, porém, de buscar algo de sua origem que permanece, ainda que de um modo novo, esculpido pelo tempo. Se invoco a etimologia da palavra "resistência", é apenas para mostrar que esta palavra se presta, desde o princípio, às inflexões que pretendo produzir sobre ela. E que a decisão de mantê-la não é nem casual, nem motivada pela falta de outro termo mais apropriado. É sempre possível, e mesmo desejável, inventar novas palavras para novos conceitos. No caso da "resistência", todavia, prefiro manter a palavra, tentando fazer com que, em sua permanência, possibilidades esquecidas possam ser sublinhadas ou alguns de seus devires acabem aparecendo. Espero mesmo que deste procedimento possa surgir uma forma de resistência.

Na palavra resistência há, antes de tudo, o prefixo *re*, que aponta para uma duplicação, uma insistência, um desdobramento, uma *dobra*, "outra vez". Do que o segue, lemos um substantivo derivado do verbo *sistere*: parar, permanecer, ficar, ficar de pé, estar presente. A esse verbo se associa também a *stantia* da palavra resistência, que invoca a estadia, idéia perfeitamente expressa

pela transitoriedade do verbo *estar*, uma das preciosas singularidades do português. Até aqui, portanto, resistir é *insistir em estar* - em permanecer, em ficar de pé³.

Avançaremos apenas um pouco mais nesta linha de associações (tornando-a quase uma licença poética) para chegar até a palavra "existência"⁴. Ora, se o ser *é*, na eternidade, as coisas *estão*, no tempo, e por isso mesmo, *existem*. E por isso precisam afirmar, a cada instante, a sua existência. Porém, mais do que a afirmá-la confirmando-a, precisam desdobrá-la, trazer à tona suas produções, seus efeitos, suas conseqüências; não conseqüências como se a existência fosse delas a causa, mas suas seqüências, suas séries.

Se há o prefixo *re* na palavra *resistir*, ele não aponta para a necessidade de se acrescentar em seguida a precisão daquilo contra o que a resistência se volta. O prefixo se volta para a própria existência, ou para a própria *stantia*. Se há uma duplicação, uma dobra, trata-se da dobra da existência, do estar pleno; pleno de seus desdobramentos e de suas séries; pleno de suas conseqüências, ou das seqüências que serão, com nossa própria *estadia* neste mundo, possíveis.

a resistência é a dobra da existência

E assim não precisamos mais de inimigos, ou de opositores; não somos reféns da ocupação. Opomo-nos, é verdade, mas nos opomos a conceber a vida como algo desprovido de sentido.

A existência existe? A existência resiste. Pois ela só existe em constante processo de diferenciação em relação a si mesma. Ela só existe dobrando-se a única condição para que existir não seja apenas o lado sombrio do ser.

"a matemática é real porque resiste"

Não me demorarei quase nada neste item e pouco me aprofundarei sobre o conteúdo preciso deste título. Faço questão de salientar, contudo, que a noção de resistência, tal como pensada aqui, é profundamente inspirada pelo pensamento

³ Este sentido possui seus ecos também na linguagem usual, onde resistir pode significar reerguer-se, ressurgir, dar a volta por cima.

⁴ O prosseguimento do rigor etimológico nos levaria a uma análise por demais técnica, pois seríamos forçados a pensar o ex da existência.

⁵ Para quem estiver realmente muito interessado neste assunto, indico minha Tese de Doutorado (Ensaio Sobre a Gênese das Idéias Matemáticas, COPPE/UFRJ).

de Jean Cavailles e Albert Lautman. Estes dois filósofos e matemáticos franceses se inserem em um momento particularmente brilhante da filosofia da matemática, que teve lugar na França antes da Segunda Guerra Mundial. O traço comum de suas filosofias consiste em percorrer as inflexões do pensamento matemático para desvelar sua necessidade profunda, escondida por entre o encadeamento lógico de seus enunciados.

Cavaillès era professor na Sorbonne quando da ocupação alemã que deu origem à Resistência Francesa. Naquele momento, apesar de bastante jovem, era já considerado um grande filósofo e, justamente por isto, sofreu pressões para que não se arriscasse. Elas não surtiram efeito: Cavailles se engajou de corpo e alma ao lado da Resistência e acabou assassinado. Durante aquele período, foi entregue aos nazistas seu amigo Albert Lautman, com quem, além da visão sobre a matemática, possuía muitas afinidades políticas.

As razões evocadas para demover Cavailles da decisão de se integrar à Resistência se baseavam na discussão da eficácia desta luta e da importância da participação de alguém que tanto teria ainda a contribuir se permanecesse vivo. A tais argumentos, Cavailles respondia apenas que não podia agir de outro modo; que não fazia isto por escolha, mas por *necessidade*. Uma de suas frases me é particularmente cara, uma frase contra a qual nenhuma argumentação poderia prosseguir e que constitui quase uma fórmula para exprimir a posição lógica de sua resistência: "Eis a minha posição, respondia Cavailles, eu não posso fazer de outro jeito".

Este filósofo, surpreendentemente, mantinha a posição de que era esta mesma necessidade que comandava as proposições científicas e o rumo que tomava, naquele momento, a sua vida:

*"Necessários os encadeamentos das matemáticas, necessárias mesmo as etapas da ciência matemática, necessária também esta luta que nós travamos"*⁶.

Tal necessidade nada tem de pré-determinação. Trata-se, ao contrário, de um puro devir: o pensamento matemático é um devir singular porque é

⁶ Declaração de Cavailles a Raymond Aron, relatada por este último em seu prefácio ao livro póstumo de Cavailles *Philosophie mathématique*.

impossível reduzi-lo a outra coisa que não seja ele mesmo. Sobre a Resistência, a resposta de Cavallès obedecia ao mesmo rigor interno, mais do que a qualquer imperativo externo. Talvez por este motivo, ao comentar a vida e a obra de Cavallès fundamentalmente inseparáveis, Georges Canguilhem chega a afirmar que Jean Cavallès é a lógica da resistência vivida até a morte.

Herdeiros teóricos de uma filosofia da matemática que afirmava sua objetividade a partir do esforço da inteligência para vencer as resistências que a matéria matemática lhes impunha, Cavallès e Lautman foram mais longe, afirmando uma objetividade própria ao pensamento matemático, a partir da necessidade dos encadeamentos e das ligações que o constituem. Necessidade, certamente; mas é também a noção de resistência que perpassa a justificativa dessa objetividade, uma vez que o rigor matemático destes encadeamentos se desdobra em ações que se colocam efetivamente para além da especulação. Teorias particulares que são inventadas, e eventualmente parecem se opor, se tornam casos particulares de teorias mais amplas, em um movimento tão imprevisível quanto necessário. A invenção eventual é percebida, *a posteriori*, como um gesto necessário dentro de um sistema que ela, ao mesmo tempo, funda e integra.

Com um pensamento que não é independente dessas suas proposições sobre o estatuto das idéias matemáticas, Cavallès nos faz pensar que a resistência ultrapassa o dever de um engajamento motivado pelo valor moral dos fins, tornando-se, sobretudo, um modo necessário que afirma uma maneira de estar no mundo, de fazer um mundo.

“Cavallès, Lautman, e muitos outros que não eram, de modo algum, filósofos, pensaram somente que era preciso dizer a situação, pelo que ela era, e logo arriscar que há riscos, e sempre há, grandes ou pequenos, quando o pensamento abre a possíveis. É porque hoje, onde pensar que seja preciso pensar o real se faz raro porque o consenso que nos é celebrado é o seguinte: o não-pensamento como pensamento único, nós podemos nos voltar, com reconhecimento, para os resistentes”.

⁷ Alain Badiou, *Abrégé de métapolitique*.

Re()sistência

Para postular que resistência possui uma potência afirmativa, como foi feito até aqui, é preciso, ao invés de associá-la a uma negação, começar a pensar qual o estatuto da negação propriamente dita (em tudo aquilo que for dito nos próximos dois parágrafos, estarei seguindo algumas poucas páginas de *Diferença e Repetição*, de Gilles Deleuze, que se encontram no quarto capítulo, dedicado à "Síntese ideal da diferença").

Na obra de Deleuze, mais importante do que a separação entre virtual e atual, sobre a qual muito se refere - não sem certo açodamento -, é o modo como esses dois âmbitos se comunicam. O virtual é uma parte ideal do objeto, não sendo, contudo - e isto é fundamental-, nem abstrato nem indeterminado. A realidade do virtual é a realidade do conjunto de relações que o compõem: relações diferenciais que conferem completa determinabilidade ao virtual. O que ocupa Deleuze sobremaneira neste capítulo não é a separação entre o virtual e o atual, mas as linhas de determinação próprias a cada um e suas correlações; linhas estas que tendem, em um caso, para a atualização e, em outro, para a determinação completa dos elementos virtuais. A esses processos, a tradução brasileira chamou, respectivamente, diferenciação e diferenciação.

Faço questão de repetir que o objeto pode ser completamente determinado, em sua porção virtual, sem ser ainda atual, isto é, sem existir. A diferenciação determina o conteúdo da parte virtual do objeto como um *problema*, ao passo que a diferenciação exprime a atualização desse virtual ao constituir *soluções*, diz Deleuze. O problema, por ser perfeitamente determinado como problema, é uma positividade virtual que não desaparece na atualização dos casos de solução. Sendo assim, a um caso de solução, como objeto individuado atual, corresponde uma porção problemática e o não-ser do próprio objeto. Este não-ser, todavia, não é o ser do negativo, mas o ser do problema como elemento genético do objeto que não cessa de participar de sua produção, não podendo ser esgotado pela atualização. O não-ser é, portanto, mais uma suspensão do objeto do que uma negação, e seria conveniente, por este motivo, denominá-lo ()-ser. Trocando em miúdos, o processo de atualização, que produz a porção existente do objeto em questão, engendra apenas alguns casos de solução, deixando à

sombra todos os outros casos que poderiam ter sido produzidos. Este "deixar de lado" é a gênese do negativo; negativo que será, tão somente, a sombra do problema no domínio das soluções. Não há negação em nenhum dos dois processos de diferenciação pois a negação se insere, *a posteriori*, na atualização, desde que seu processo já esteja em curso.

Mesmo que Deleuze nada tenha dito sobre a resistência neste contexto, mas sim em um outro, gostaria de fazer funcionar, no pensamento da resistência, este maquinário de sua filosofia. Só então será possível pensar a noção de resistência a partir de uma anterioridade da qual a negação não participa, uma vez que a negação jamais gera, jamais produz ou move, sejam atualizações, ações ou mecanismos: "*eis a minha posição, não posso fazer de outro jeito*".

Para afirmar que resistir não é, ao menos em princípio, *resistir contra*, é preciso conceber este verbo como afirmação de uma pura positividade, não inscrita na negação, mesmo que sua atualização possa compreender uma contrariedade instantânea de algo. Quanto a esta contrariedade, ela é apenas uma parada no processo, o qual será imediato e constantemente recolocado em funcionamento por mecanismos interiores ao próprio processo, como dizia Cavaillès, por necessidade. A porção de contrariedade que experimentamos no ato de resistir seria, assim, a sombra da resistência em sua porção problemática e virtual.

Parece pertinente pensar, a partir do que acaba de ser dito, que a resistência comporta também duas metades inseparáveis e independentes, uma virtual e outra atual, que podem ser concebidas, respectivamente, segundo sua possibilidade de afirmação de uma positividade ou sua inscrição em uma relação de contrariedade. Não se trata, pois, de dois tipos de resistência, como pareceu ter sido esboçado no início deste artigo, mas de duas linhas paralelas e ressonantes de diferenciação da idéia de resistência. Em realidade, ganharíamos muito pouco ao falar de uma resistência ativa em vez de uma resistência passiva, ou de uma resistência afirmativa em vez de uma resistência negativa. Não há dois tipos de resistência mas uma resistência, com sua metade de positividade e sua metade de contrariedade, porque ambas precedem a síntese do negativo. Para resistir a algo é preciso suportar este algo ao mesmo tempo presente e ausente. E, por isso mesmo, a ação aponta para o futuro.

Por constituir um movimento ritmado entre as duas linhas, a resistência é um gesto que pode ser denominado re()sistência, deixando que o parêntesis seja preenchido segundo a necessidade de um ato preciso, em um momento determinado. Isto garante que o gesto possa ser desdobrado em ação, sem que seja preciso esquecer sua outra metade, aquela que permanece e insiste na ação, mas nela não se esgota; aquela que não se capta na ação; nem se captura e nem se compreende.

Compreender é captar o gesto para poder continuar, dizia Cavallès. Pode-se não compreender a resistência, o que não se pode é deixar de desdobrá-la, intuí-la, fazê-la proliferar. Se se diz da resistência que ela é *primeira* - o que é diferente de dizer que ela *vem primeiro* -, é porque ela só existe em seus desdobramentos. Por isso dissemos que a resistência é uma dobraæ dobra que deve mobilizar a existência por completo, desdobrando-a, isto é, transformando-a em vida, em retomada da subjetividade como criação, ou melhor, como *em* criação.

o movimento dos movimentos

Para falar de um movimento dos movimentos, sem que o primeiro "movimento" se refira a um conjunto de movimentos, o que nos levaria, mais uma vez, a um paradoxo lógico, precisamos nos servir do maquinário conceitual que acaba de ser esboçado. Do mesmo modo em que se falou há pouco de duas linhas de diferenciação - uma de diferenciação do objeto atual (objeto diferenciado) e outra de diferenciação da diferençæ, é possível pensar em um movimento dos movimentos a partir de duas metades: diferença e movimento. Para que um movimento produza diferenças, é preciso que, para além de sua porção constituída, haja outra, que é constituinte do movimento e sem a qual qualquer movimento correria o risco de cristalizar-se, estagnar-se e se deixar capturar.

Associando ao movimento dos movimentos as duas metades da resistência, talvez se possa compreender melhor a questão. Pode acontecer, por exemplo, de um movimento surgir de uma contrariedade - digamos, contra o G-8 -, partindo de uma resistência a um certo modo de dominação e controle da vida de muitos pelo interesse de poucos. No entanto, se este movimento contentar-se com o momento de parada que a contrariedade exprime, constituindo-

se em um movimento contra alguma coisa, ele não pode criar diferença. É preciso resistir à captura do processo de resistência pela linguagem e pelos parâmetros quantitativos que impregnam a atualidade. O movimento dos movimentos se insere na ordem qualitativa da invenção e não na ordem quantitativa dos resultados. É por isso que a discussão da eficácia neste contexto é uma armadilha: o movimento dos movimentos é necessariamente aberto.

A diferença só pode ser produzida com o desdobramento do processo de constituição do próprio movimento, pelas diferenciações que daí surgirão e que o farão prosseguir, não necessariamente em linha reta, mas com tropeços e retomadas, momentos de fraqueza e de potência. Essa segunda movimentação, que se processa concomitantemente à primeira, exprime a outra metade da resistência, sua porção virtual, criativa, que diferencia os movimentos e não entre si mas para si, fundando um verdadeiro movimento dos movimentos.

■ Tatiana Roque é Professora do Instituto de Matemática da UFRJ e da Área Interdisciplinar de História e Filosofia da Ciência e da Técnica da COPPE/UFRJ. Pesquisadora do Collège International de Philosophie-Paris. As reflexões contidas neste artigo partiram, em grande parte, das discussões da equipe que participa da organização do Colóquio Resistências. Gostaria de agradecer a colaboração de: Alexandre Vogler, Bárbara Santos, Cristina Rauter, Ericson Pires, Fernando Santoro, Giuseppe Cocco, Luis Andrade, Luis Pinguelli Rosa, Marici Passini, Peter Pal Pelbart, Ronald Duarte, Silvia Ulpiano, Suely Rolnik e Viviane de Lamare.